

## O historiador e o escritor Alfredo Pimenta

Com gentileza que me confunde, foi-me confiado o grato mas árduo empenho de dizer algumas palavras, nesta simbólica sessão, sobre o historiador e grande medievalista que foi Alfredo Pimenta.

Se tal empenho não deixa de desvanecer a sempre aprendiza de historiadora, que eu ainda sou, por outro lado, proporcionou-me uma tomada de consciência, de ordem qualitativa e quantitativa, em face de uma obra elaborada ao longo de uma vida inteira de alguém que nunca foi um qualquer.

De facto Alfredo Pimenta deixou mais de 61 estudos de história e de crítica histórica, em que se afirmou, bem vincadamente, a sua personalidade científica como uma das figuras cimeiras e da melhor estirpe da historiografia portuguesa do século XX.

Um dos seus primeiros estudos, no domínio da história medieval, foi o que publicou em 1932, «*Vínculos Portugueses*»; nele se revelou já o medievalista meticoloso e que nos daria, em 1936, uma análise documental perfeita em «*A Conquista de Coimbra, por Fernando Magno*».

Em 1937, publicou «*Subsídios para a História de Portugal (Textos e Juízos Críticos)*»; em 1940, os «*Forais Medievais Vimeiranos*»; em 1946, «*Idade Média*» (Problemas & Soluções) e os comentários ao monumento do português arcaico que é a versão portuguesa do «*Fuero Real de Afonso X, o Sábio*», comentários auridos, em grande parte, na sua formação jurídica e no seu saber filológico. Em 1948, apareciam nos escaparates das livrarias as «*Fontes Medievais da História de Portugal*», anotadas e comentadas a primor.

E isto, apenas, para não mencionar senão alguns dentre tantos outros dos seus trabalhos, pois quase todos eles ainda são hoje estudos plenamente válidos pela sua substância e pela tenacidade da investigação, pela cultura e pujança crítica que os iluminam, pelos conceitos metodológicos que os enriquecem. Não é de admirar porque, não esqueçamos, Alfredo Pimenta tinha planeado a elaboração de uma vasta construção histórica, de uma História de Portugal, que a sua morte prematura lhe impediu de realizar.

Porém, Alfredo Pimenta não deixou de cultivar a divulgação da boa cêpa. E assim escreveu os seus tão úteis «*Elementos de História de Portugal*», que tiveram várias edições (a primeira é de 1934) e serviram, nas prelecções de história pátria, de guia a gerações de estudantes do Liceu. Na dedicatória deste livro, que marcou um lugar de destaque na evolução da nossa pedagogia e didáctica da história, Alfredo Pimenta afirmou: «De alguns milhares de páginas que tenho escrito numa vida longa passada a estudar e a escrever são estas sem dúvida, as que eu queria que fossem menos desvaliosas».

Sem sair do domínio a que aludimos e não obstante a boa e sólida erudição que encerravam as suas críticas que constituem a secção —(Cultura portuguesa — Cultura estrangeira), no jornal «Diário de Notícias», elas tinham uma vasta projecção e audição junto de leitores não-especialistas.

Seria falsear a personalidade do historiador e do medievalista se calasse aqui o seu insaciável desejo de apuramento bibliográfico, de ter e obter as obras fundamentais para o seu labor de investigador ou seja as ferramentas para «cavar a terra do espírito», como ele dizia.

São constantes nos seus escritos, as alusões a livros, a livros raros, à aquisição de livros. Foi assim que, para bem servir a história, Alfredo Pimenta constituiu uma biblioteca de trabalho, completa, preciosa e soberba. No seu género uma das melhores que existem em Portugal. Biblioteca que nos faz sonhar a todos os que estudamos e, talvez com uma enorme pontinha de inveja, pensamos na pena que temos de não ter em casa uma igual ou parecida.

Mas hoje, devo dizer, estamos todos sossegados: a Biblioteca de Alfredo Pimenta foi entregue em boa guarda e confiada a boas mãos «ad aeternum». E, afinal, onde ela está, ficará sendo, também, um pouco de nós todos e para sempre. (\*)

Virginia Rau †

(\*) (Palestra proferida no acto de entrega da Livraria de Alfredo Pimenta à Fundação Calouste Gulbenkian, em 6 de Julho de 1970. Transcrita do jornal «Diário de Notícias» que a publicou na integra no dia 7 de Julho do mesmo ano).